

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PPGEC

DIAGNÓSTICO ESCOLAR PARTICIPATIVO

Olhares e propostas para uma educação ambiental crítica

Guilherme Baroni Morales

2013

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	03
FORMULAÇÕES E CONSIDERAÇÕES.....	04
Diagnóstico Escolar Participativo.....	04
Diagnóstico Escolar e o Outro.....	04
Diagnóstico Escolar e diálogo.....	04
Diagnóstico Escolar e diálogo de saberes.....	05
Diagnóstico Escolar e problematizações da realidade.....	06
Diagnóstico Escolar, participação, autonomia e emancipação.....	06
Diagnóstico Rural Participativo.....	07
DIAGNÓSTICO ESCOLAR E OS PASSOS METODOLÓGICOS.....	09
ATIVIDADES.....	11
Conhecendo o Diagnóstico Escolar Participativo.....	11
Definindo rumos.....	12
Trabalhando com os mapas.....	14
Outros instrumentos.....	15
Árvore das situações.....	15
Linha Histórica.....	17
Atividades de pesquisa.....	18
Redefinindo rumos.....	19
Árvore dos objetivos.....	20
Preparando uma roda de conversa.....	21
Roda de conversa.....	22
Finalizando o Diagnóstico.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24
LITERATURA ACESSADA NA ELABORAÇÃO DO DEP.....	25

APRESENTAÇÃO

Cara professora e caro professor,

Esta proposição didática é fruto de uma pesquisa empírica realizada com estudantes da 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do Distrito Federal (MORALES, 2013). Como parte dos desdobramentos dessa experiência, desenvolvemos uma ferramenta diagnóstica como um possível recurso na formação de sujeitos a partir de uma perspectiva socioambiental.

Nossa motivação na elaboração deste material é a busca por recursos e contribuições que possam enriquecer o saber do campo ambiental, na perspectiva de uma prática educativa que incorpora os questionamentos da educação ambiental, no tocante às práticas sociais que estabelecemos entre humanos e natureza e que são permeadas por contradições, desafios e conflitos.

Assim, consideramos desenvolver um recurso didático que nos permita aprofundamento na trama das relações dos humanos entre eles e elas e deles e delas com o meio biofísico. Entendemos que, desse modo possamos problematizar os desafios e conflitos de nossa época, refletindo sobre possíveis mudanças e transformações. Com essa prática também esperamos promover um olhar reflexivo e compreensivo sobre os fenômenos do mundo e sobre os desafios socioambientais que enfrentamos.

Nossa proposta se concretiza a partir de uma adaptação do *Diagnóstico Rural Participativo* (BRASIL, 2005) que encontrou no contexto da escola um espaço para tratar das questões acima pontuadas. Mas não se limita à escola e pretende alcançar seu entorno, ambiente e comunidade, pois pressupomos que a formação dos sujeitos só faz sentido se pensada a partir de uma realidade concreta e situada histórica e culturalmente e pela qual somos todos responsáveis (CARVALHO, 2008).

Diagnóstico Escolar Participativo

A partir desse documento, formulamos o Diagnóstico Escolar Participativo (DEP), ferramenta para a formação de sujeitos que apreendem a temática ambiental em alteridade com o Outro. Nossa proposição é uma busca pela articulação e participação desses sujeitos que, enquanto seres históricos, refletem sua cultura, mas também oportunizam e conduzem mudanças.

Diagnóstico Escolar e o Outro

Quando nos referimos ao “Outro”, na perspectiva dialógica de Paulo Freire (1996), nos referimos aos diversos e múltiplos horizontes e experiências histórico-culturais que compartilhamos e que nos permitem atribuir novos sentidos para nossa relação com o mundo. Entendemos que construir novos sentidos em alteridade com o Outro sugere uma ampliação de olhar. O Outro torna-se fundamental nesse processo, pois, além de sermos capazes de acessar apenas uma pequena parcela da realidade, os desafios socioambientais exigem respostas compartilhadas, só possíveis quando integramos os múltiplos horizontes histórico-culturais.

Dessa forma, elaboramos atividades com as quais possamos recorrer a diversos olhares, permitindo a reorganização de nossa própria perspectiva e reposicionamento na História.

Diagnóstico Escolar e diálogo

Nossa proposta situa o diálogo como meio para a articulação entre sujeitos e saberes que, tendo como fundo um contexto histórico-cultural concreto e permeado por contradições e conflitos, pode desvelar parte da complexidade da trama socioambiental gerando novas reciprocidades. Como

uma ferramenta de inspiração freiriana, o Diagnóstico Escolar elege o diálogo como veículo que pode nos ajudar a atribuir novos sentidos para nossa condição histórica e cultural. Questionando as relações de desigualdade, de injustiça, de dominação, de poder e de saber.

Diagnóstico Escolar e diálogo de saberes

Enfrentar a crise ambiental, reconhecendo seus meandros, seja local ou globalmente, também requer a elaboração de saberes e conhecimentos. Não podemos nos limitar a dar respostas superficiais e pouco estruturadas para uma situação tão complexa. Mas também não podemos ingenuamente confiar em respostas universais, autoritárias ou prescritivas. Não nos causa constrangimento reconhecer que muitas “soluções ambientais”, oriundas da produção científica, são meras transferências de conhecimentos, comportamentos e tecnologias que não contribuem para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, ao contrário, subestimam o potencial de homens e mulheres e reforçam a manutenção de uma realidade excludente e pouco acessível às diferentes culturas. Considerando esses e outros questionamentos, Santos (2005) nos convida a pensarmos no *diálogo de saberes* como uma ideologia na superação dessa “domesticação”.

Santos (2005) desenvolve sua perspectiva considerando o potencial da diversidade epistemológica do mundo na elaboração de saberes e práticas para o enfrentamento da crise ambiental. Essa elaboração pressupõe uma participação comunitária e um sentido democrático na sua construção, abandonando a perspectiva instrumental como único recurso na superação dos desafios socioambientais e dando espaço a uma *ecologia de saberes* constituída por conhecimentos híbridos.

Dessa forma, enveredamos na busca por novos modos de compreender nossa relação com o mundo e com o Outro, um caminho que não seja excludente e sim integrador e que não domestique e sim liberte.

Diagnóstico Escolar e problematizações da realidade

Considerando essas balizas, entendemos que o Diagnóstico Escolar é uma ferramenta problematizadora da realidade com a qual esperamos que os sujeitos em alteridade se situem histórica e culturalmente e que busquem respostas compartilhadas para os desafios que compartilham. Essa realização com o Outro, intermediada pelo diálogo, é parte de um aprofundamento crítico na realidade e na História de um mundo inacabado (FREIRE, 1996).

Isso também significa que não podemos nos satisfazer com *visões ingênuas* (FREIRE, 1996) para lidarmos com um mundo em constante transformação e no qual existe toda uma relação de poder e de saber entre os homens e mulheres. Paulo Freire promove a educação como uma prática política libertadora para que possamos participar da História, questionando as contradições e injustiças que permeiam as relações humanas.

Diagnóstico Escolar, participação, autonomia e emancipação

Ao organizamos o Diagnóstico Escolar pensamos na prática educativa como um processo que tem por horizonte a formação de sujeitos da História que, atentos à problemática ambiental, reconhecem a necessidade de compartilharmos as responsabilidades e respostas de uma crise que afeta gravemente a humanidade. Esperamos que esse material seja uma contribuição para aqueles que, curiosos sobre a prática educativa, consideram a EA como um campo de questionamentos e reflexões que pode nos ajudar a compreendermos melhor nossa atuação como educadores e educadoras e como sujeitos do mundo.

Este material pretende contribuir com a promoção de uma cultura participativa para lidar com a complexidade das relações socioambientais, dessa forma entendemos que potencializamos nossa capacidade de articulação entre os sujeitos com a perspectiva de atuação crítica e transformadora na História. Segundo Freire (1996), as mulheres e os homens *participam* da História quando juntos *constatam* e mudam. Dessa forma, o Diagnóstico Escolar pretende facilitar processos de construção de autonomia e de alteridade para a transformação social e emancipação dos sujeitos. Nesse processo nos reconhecemos como

sujeitos de transformações e em transformação, visando superar visões ingênuas por meio do aprofundamento nas condições históricas e da busca por respostas coletivas que permitam a construção de um mundo mais equilibrado e compartilhado.

Diagnóstico Rural Participativo

Como explicamos anteriormente, nossa referência teórico-metodológica na elaboração do DEP é o DRP. Esse documento foi selecionado por entendermos que as atividades propostas no material incorporam os pressupostos de uma prática educativa emancipatória e atenta aos desafios socioambientais.

O DRP¹ opera segundo alguns princípios, objetivos e características, sendo que a principal referência na sua formulação é a ideia de *educação popular* desenvolvida por Paulo Freire no livro “pedagogia do oprimido”.

O DRP também apresenta uma “caixa de ferramentas” com diversos recursos que permitem aos participantes diagnosticar a realidade de que fazem parte, pensando sistematicamente nos seus problemas e nas possíveis soluções. Nesta adaptação aqui proposta, selecionamos algumas ferramentas e elegemos o instrumento *mapa-diagnóstico* como fio-condutor das atividades e do diagnóstico.

Segundo seus formuladores, o DRP é,

Um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento (...). O DRP pretende desenvolver processos de pesquisa a partir das condições e possibilidades dos participantes, baseando-se nos seus próprios conceitos e critérios de explicação (BRASIL, 2005, p. 06).

Assim o objetivo principal do DRP é, “apoiar a autodeterminação da comunidade pela participação e, assim, fomentar um desenvolvimento sustentável” (BRASIL, 2005, p. 06)..

Como foi pontuado anteriormente, o DRP “trabalha” de acordo com um campo teórico e prático. A prática pode variar segundo o contexto, podemos

¹ O guia prático Diagnóstico Rural Participativo está disponível no portal do Ministério do Desenvolvimento Agrário pelo link: portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Guia_DRP_Parte_1.pdf

recorrer às diferentes ferramentas que o documento apresenta, selecionando aquelas que melhor se adaptam a nossa realidade. No entanto, algumas características são comuns aos diferentes contextos:

- É um processo de pesquisa e coleta de dados, que pretende incluir as perspectivas de todos os grupos de interesse integrados pelos homens e pelas mulheres rurais.
- Impulsiona uma mudança nos papéis tradicionais do pesquisador e dos pesquisados, já que ambos participam da determinação de quais e como coletar dados; é um processo de dupla via.
- Reconhece o valor dos conhecimentos dos/as comunitários/as
- Funciona como meio de comunicação entre aqueles que estão unidos por problemas comuns. Esta comunicação coletiva chega a ser uma ferramenta útil para identificar soluções.

(BRASIL, 2005, p. 12)

Também ressaltamos que apesar do DRP ser concebido para a área rural, suas técnicas e ferramentas podem ser adaptadas para outros contextos, tal é o contexto da escola e a comunidade adjacente.

DIAGNÓSTICO ESCOLAR E OS PASSOS METODOLÓGICOS

Apresentamos a seguir uma possível estrutura metodológica visando tornar em prática os pressupostos de uma educação ambiental emancipatória, sensível à formação de sujeitos autônomos que, participantes da História, compartilham os desafios e soluções da e para a crise ambiental.

De acordo com os resultados da pesquisa desenvolvida (MORALES, 2013), selecionamos a ferramenta *mapa-diagnóstico* como balizadora das atividades do DEP. Dessa forma, o mapa orienta a utilização dos diferentes recursos que podemos acessar e produzir para complementar o diagnóstico. Nossa proposta em relação ao mapa-diagnóstico é que se construa um material capaz de incorporar as diferentes contribuições que os estudantes trazem para investigar alguns temas de interesse deles e da comunidade. Pensamos no *mapa-diagnóstico* como um “mapa em aberto” que deverá ser revisitado e reformulado ao longo das atividades conforme avançamos no diálogo e na pesquisa entre nós, sujeitos do conhecimento, e a realidade que nos permeia.

Para trabalharmos com o DEP na sala de aula, organizamos os estudantes em grupos que compartilham interesses e desafios da comunidade. Os grupos formados deverão trabalhar juntos ao longo das atividades a partir da escolha de um *tema*. A seleção dos temas leva em consideração aspectos da realidade que afetam o cotidiano, que permitem questionar as condições sociais e ambientais construídas historicamente e que influenciam nossa relação com o meio ambiente e entre nós.

O mapa-diagnóstico, além de ser uma ferramenta temática, deve ser interativo e dinâmico, portanto, são várias as possibilidades de estruturação e visualização. No entanto, os mapas produzidos devem explicitar diversos elementos que interagem com os temas dos grupos, trazendo novas compreensões e interpretações para o objeto de estudo em questão. É desejável que os mapas possam ser articulados com as outras ferramentas do Diagnóstico Escolar e, caso necessário, com ferramentas elaboradas pelos próprios educadores e estudantes.

É importante ressaltar que os instrumentos e ferramentas não se esgotam e que os educadores e educadoras podem utilizar outros recursos para

complementar os mapas e o Diagnóstico. Ressalvamos que, para elaborarmos novas ferramentas, temos que considerar a intencionalidade do instrumento. Dessa forma, podemos lançar mão de perguntas tais como:

- Qual é a informação adicional que esta ferramenta gera?
- Qual é a vantagem frente a outras ferramentas para compreender este tema?
- Cumpre com os critérios de fácil entendimento e desenvolvimento?
- Permite analisar a informação colhida facilmente?"

(BRASIL, 2005, p.52)

Levando esses aspectos em consideração e tendo em mente que os princípios norteadores do DEP estão pautados pela transformação social e pela autonomia, os educadores têm a liberdade de formular suas próprias intervenções. Ressaltamos também que o DEP não pretende constituir-se uma receita pronta ou um caminho exclusivo, seu desenvolvimento depende, portanto, da sensibilidade, da subjetividade e da não-neutralidade da educadora e do educador para atingir seus objetivos.

Como possíveis desdobramentos do DEP, consideramos utilizá-lo em diversas situações. Ele pode constituir-se parte de uma *agenda ambiental* de escolas e de suas respectivas comunidades. Pode ser apresentado em reuniões comunitárias, associações de moradores, para gestores locais, visando orientar a formulação e avaliação de políticas públicas, e pode ainda ser disponibilizado na *internet*. Assim, esperamos que ele se constitua como uma ferramenta político-educativa que, fazendo referência aos anseios de pessoas e coletivos, principalmente de jovens, represente o sonho de novas realidades e a possibilidade de novas interações. Como uma ferramenta para a prática educativa perpassada pela questão ambiental, volta-se ao coletivo na ampliação de nosso horizonte interpretativo. É também um olhar sobre o papel dos educadores e educadoras que buscam em suas práticas a transformação social, a emancipação dos sujeitos e a autonomia dos povos.

ATIVIDADES

I. Conhecendo o Diagnóstico Escolar Participativo

Objetivos da atividade

- Conhecer a proposta do DEP.
- Discutir sobre possíveis objetivos do Diagnóstico.
- Estabelecer os grupos de trabalho.
- Possibilitar discussões sobre as condições socioambientais.
- Captar alguns elementos que interagem na realidade dos estudantes.

Organização da atividade

- Os educadores apresentam a proposta central do Diagnóstico discutindo com os estudantes sobre os possíveis objetivos e elementos que podem contribuir para a elaboração do material.
- Apresentar o *mapa-diagnóstico* como recurso estruturante das atividades e com o qual serão feitas as discussões e as formulações pertinentes ao trabalho.
- Organizar os estudantes em grupos de trabalho e estimular que esses estudantes conversem sobre seus interesses em comum. A partir desse exercício são estimuladas discussões sobre os problemas e desafios ambientais reconhecidos por eles. Os educadores são os mediadores desse diálogo e devem enfatizar a dimensão histórica e cultural durante as conversas.
- Ao final da atividade pedir aos estudantes que considerem possíveis *temas* que irão orientar a produção do diagnóstico. Os temas podem variar em dimensão e grau, alguns podem apresentar recortes amplos como, *esporte e lazer*, ou recortes mais específicos como, *mau cheiro nos*

UM POUCO SOBRE O MAPA-DIAGNÓSTICO:

Os mapas-diagnóstico servem ao planejamento, discussão, análise e reflexão das informações produzidas e coletadas. Os mapas podem ser feitos com diversos materiais, ressaltando que eles devem ser acessíveis e práticos, de forma que possamos revisitá-los durante as atividades. Materiais como: papel almaço, cartolina, papelão, plástico, lápis, giz de cera, pincel, tinta, isopor, cola, papel crepom e sucata, servem a esse propósito.

arredores do colégio. O tema dos grupos também deve dialogar com a ideia de que os estudantes estão unidos por esses desafios.

- Conversar com os estudantes sobre a proposta, tentando captar suas expectativas e se a atividade é um desafio. Apresentar também a possibilidade dos estudantes contribuírem com o planejamento das atividades. Todo o processo do Diagnóstico deve estar sensível às necessidades e interesses dos estudantes e deve provocar inquietações que estimulem eles e elas a ressignificarem nosso papel na História.

Sugestões

- Atualmente os meios e tecnologias digitais nos permitem registrar e compartilhar conteúdos com grande facilidade. Por isso também é possível criar mapas sobre o solo e outras superfícies, utilizando paus, sementes, folhas, sucatas e toda uma variedade de materiais. Muito acessíveis, as câmeras digitais e os celulares nos permitem registrar e revisitar os mapas com extrema facilidade. Permitindo também que eles sejam modificados com o uso do computador e editores de imagem.
- Algumas dinâmicas podem ser utilizadas nesse momento inicial para iniciar esse olhar-diagnóstico sobre a realidade, sugerimos como dinâmica uma atividade na qual os estudantes, através de desenhos e colagens, **representem o ambiente em que vivem**. É possível discutir sobre os desenhos fazendo alusões às discussões iniciais.

II. Definindo rumos

Objetivos gerais

- Estabelecer o tema do Diagnóstico dos grupos.
- Justificar a escolha do tema.
- Manipular diferentes tipos de mapas, selecionando elementos que podem integrar o mapa dos grupos.
- Considerar os diferentes elementos cartográficos que compõem um mapa.

Organização da atividade

- Os estudantes conversam em grupo para definir o tema central do Diagnóstico.
- Após esse momento, os estudantes deverão assinalar qual será o tema do grupo. Partindo dessa escolha os educadores distribuem um roteiro de perguntas como auxílio para que os grupos justifiquem a escolha deles.
- As respostas a essas perguntas e outras considerações dos estudantes são parte do Diagnóstico, orientamos aos professores que criem uma pasta para cada grupo, nessa pasta serão organizadas as informações e materiais produzidos pelos estudantes.
- Aos estudantes são entregues exemplos e apresentados alguns tipos de mapas, tais como: mapas físicos, históricos, políticos, temáticos etc. É importante explicar para os discentes o porquê da existência de mapas específicos, enfatizando que temos mapas para diversas ocasiões e para diferentes aplicações.
- Apresentar os diferentes elementos cartográficos básicos que compõem um mapa: título, escala cartográfica, legenda, fonte, orientação e projeção. Indicando qual a função de cada uma para a compreensão do tema do mapa.

Sugestões de perguntas para o roteiro:

- 1) Como esse tema se faz presente em meu dia-a-dia?
- 2) Como sou afetado e influenciado por esse tema?
- 3) Que recursos disponho para aprofundar meus conhecimentos sobre o tema?
- 4) Esse tema é uma preocupação minha e da minha comunidade?
- 5) É necessário por meio do mapa coletivo

Sugestões

- A pasta citada é uma referência para os grupos, sugerimos que os professores destaquem a importância desse material para o Diagnóstico. A pasta deve estar sempre disponível para os professores e para os estudantes. Ela também é recurso para avaliarmos a prática, pois reúne os materiais produzidos pelos discentes e as pesquisas realizadas.

III. Trabalhando com os mapas

Objetivos gerais

- Iniciar a produção dos mapas.
- Definir os materiais utilizados para a confecção dos mapas.
- Definir os elementos que serão apresentados no mapa, considerando a aula anterior.

Organização da atividade

- Nessa atividade os estudantes, organizados em grupos, começam a estruturar o mapa. O professor disponibiliza uma variedade de materiais (citados na Atividade I) e circula entre os grupos discutindo sobre os elementos do mapa e o tema dos grupos.
- Esta é uma atividade de criação, os estudantes devem experimentar diversas possibilidades de representação do tema. Inicialmente os mapas podem ser feitos também como esboços em papel A4 e conforme prosseguem as atividades eles podem ser reformulados com outros materiais e elementos.

Sugestões

- É importante conversar com os estudantes sobre a perspectiva deles em relação ao tema, com isso buscamos o diálogo durante as atividades. O educador é uma referência que deve problematizar as discussões, sugerindo elementos e questionando, quando achar relevante, as informações e conclusões.
- Tendo em vista os diversos elementos que compõem um mapa e a especificidade da linguagem cartográfica sugerimos o acesso a referências que apontem caminhos para a elaboração de mapas temáticos. Indicamos dois textos da revista Nova Escola (<http://revistaescola.abril.com.br>), “Os elementos que compõem um mapa” e “Mapa de síntese: resumo contado em imagens e símbolos”, como possíveis recursos para a atividade e para o Diagnóstico.
- Muito acessíveis nos meios digitais atualmente, imagens de satélite da região a ser diagnosticada tornam-se materiais de apoio à elaboração do mapa-diagnóstico. Sugerimos também a apresentação das imagens em diversas escalas e a identificação de pontos-referências de conhecimento dos estudantes para facilitar a elaboração e a utilização do mapa-diagnóstico.

IV. Outros instrumentos

A seguir apresentamos outras ferramentas que auxiliam a produção dos mapas-diagnóstico. Indicamos como elas podem contribuir para aprofundar as discussões e como sua elaboração pode agregar novos significados para o Diagnóstico.

1. A árvore das situações

Objetivos gerais

- Elaborar uma árvore das situações que represente algumas causas e consequências associadas aos temas em estudo.
- Discutir sobre a dinâmica do tema a partir da estrutura da árvore das situações.

Organização da atividade

- Com o uso de uma imagem de árvore, os estudantes identificam como é a situação (tronco) do tema do grupo. Nas raízes são identificadas as causas e nos galhos as consequências.
- Juntos, professores e estudantes discutem a partir do material produzido e sobre como ele pode complementar o mapa.
- É importante destacar a complexidade da relação do tema com a realidade. A árvore é instrumento para aprofundamento nas múltiplas causas e efeitos de um problema.
- A seguir apresentamos um exemplo da imagem e estrutura da árvore das situações:

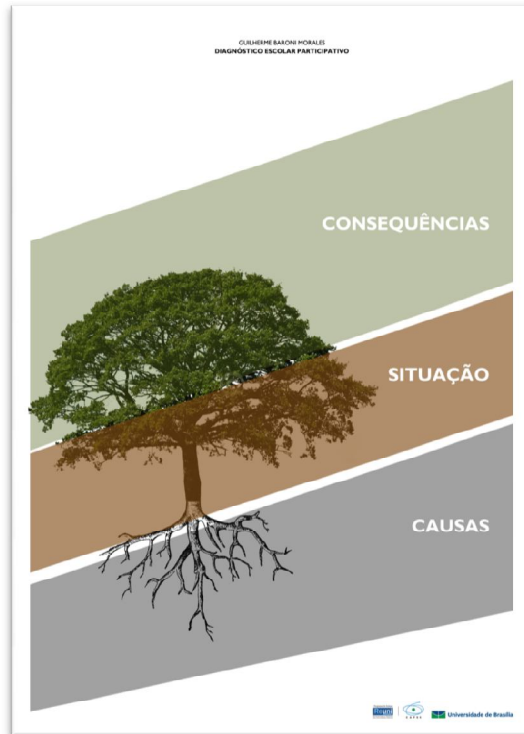


Figura 1: Diagrama esquemático da árvore das situações

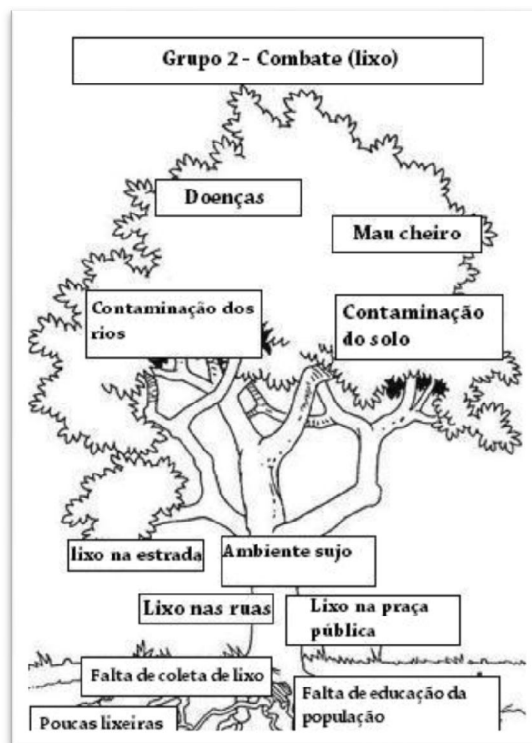


Figura 2: Árvore das situações elaborada por estudantes da 8ª série durante a pesquisa com o DEP

Um pouco mais sobre a Árvore das Situações

- Esse modelo de árvore como ferramenta didática para o enfrentamento da questão ambiental é apresentada em outras propostas como “árvore dos problemas”. Escolhemos o nome “árvore das situações” por entendermos que às vezes a palavra “problema” pode trazer uma conotação negativa para a ideia de queremos passar. Além do mais, definimos por um comprometimento ético e conceitual que são os estudantes aqueles que reconhecem o que é um problema dentro do Diagnóstico, da mesma forma que são eles que orientam a investigação sobre a realidade e propõem objetivos.

2. Linha Histórica

Objetivos

- Construir uma linha histórica articulada com o tema dos grupos.
- Discutir sobre o processo histórico que contribuiu com a situação, causas e consequências identificadas na árvore das situações.

Organização da atividade

- Com o uso de uma folha A4, os estudantes representam uma linha histórica sobre o tema. Nesta atividade é interessante que os discentes discutam entre si, mas que também considerem algumas pessoas mais velhas para conversar sobre o histórico do tema na comunidade.

Sugestões

- É importante orientar os estudantes para que registrem os resultados das conversas com as pessoas mais velhas. Esse registro deve ser incorporado à pasta do grupo.
- Sugerimos, como exercício para casa, uma conversa com outras gerações, como pais, avós, amigos e vizinhos.

3. Atividades de pesquisa

Objetivos

- Considerar as informações e materiais produzidos até o momento para pesquisar em livros, revistas e internet sobre os temas
- Articular as novas informações com o mapa-diagnóstico e os outros materiais produzidos.

Organização da atividade

- Essa atividade pode ser realizada em momentos extraclasse, na biblioteca do colégio ou na sala de informática. Esperamos que os estudantes investiguem o tema à luz da literatura disponível. Esta atividade é um estímulo à articulação entre diferentes conhecimentos e informações.
- As novas informações podem ou não ser agregadas aos mapas-diagnóstico, cabe aos grupos, sob orientação do professor, avaliarem a pertinência dessas informações para compreenderem melhor o tema.
- Os resultados da pesquisa devem ser organizados na pasta do grupo e devem apresentar referências das fontes bibliográficas.

Sugestões

Sugerimos que os estudantes utilizem um pequeno roteiro de perguntas para orientar essa atividade.

Para tanto sugerimos as seguintes questões:

- 1) Quais fontes vocês visitaram e que tipo de informação foi possível encontrar?
- 2) Como as novas informações pesquisadas contribuem para a reformulação do mapa-diagnóstico e dos outros materiais?
- 3) Houve dificuldade em encontrar as informações procuradas?
- 4) Como é possível incluir as novas informações pesquisadas no que já foi feito?

V. Redefinindo rumos

Objetivos

- Reestruturar os mapas, observando as informações produzidas na pesquisa e nas atividades: árvore das situações e linha histórica.
- Discutir com o grupo as novas formulações e os recursos que podem ser incluídos nos mapas.

Organização da atividade

- Acessando os materiais produzidos e a pesquisa, os estudantes remodelam o mapa-diagnóstico. Todos os recursos até então produzidos podem integrar o mapa. Os depoimentos colhidos, as informações acessadas, as conclusões dos grupos, fotos, relatos, registros, a linha histórica e a árvore podem e devem dialogar com o mapa. A organização dessas informações não precisa se limitar a área destinada aos mapas, esses elementos podem extrapolar a borda da cartolina ou do material utilizado pelos estudantes para a confecção dos mapas. Os mapas, como materiais temáticos e interativos, podem destacar diversas relações e dinâmicas através de sua linguagem.

Sugestões

- Uma observação atenta às reformulações dos estudantes nos ajuda a compreender o processo realizado. Os professores podem estar atentos a elementos presentes nas atividades desenvolvidas que indiquem a superação de visões ingênuas.
- O diálogo permeia todas as atividades, ele é o veículo para entendermos a perspectiva dos estudantes, reconhecendo se há um aprofundamento crítico sobre os temas e auxiliando a reorganização das atividades.

VI. Árvore dos objetivos

Objetivos

- Elaborar uma árvore dos objetivos, visando a superação dos problemas identificados no diagnóstico.
- Considerar as ações, os recursos e parceiros para a superação dos problemas e desafios identificados.

Organização das atividades

- Os estudantes organizam uma árvore dos objetivos, usando como referência as atividades anteriores. Nessa árvore, o tronco representa os objetivos dos grupos na superação dos desafios identificados. As raízes são as ações, recursos e parceiros que podem colaborar positivamente com o objetivo e os galhos são as consequências dessas ações.

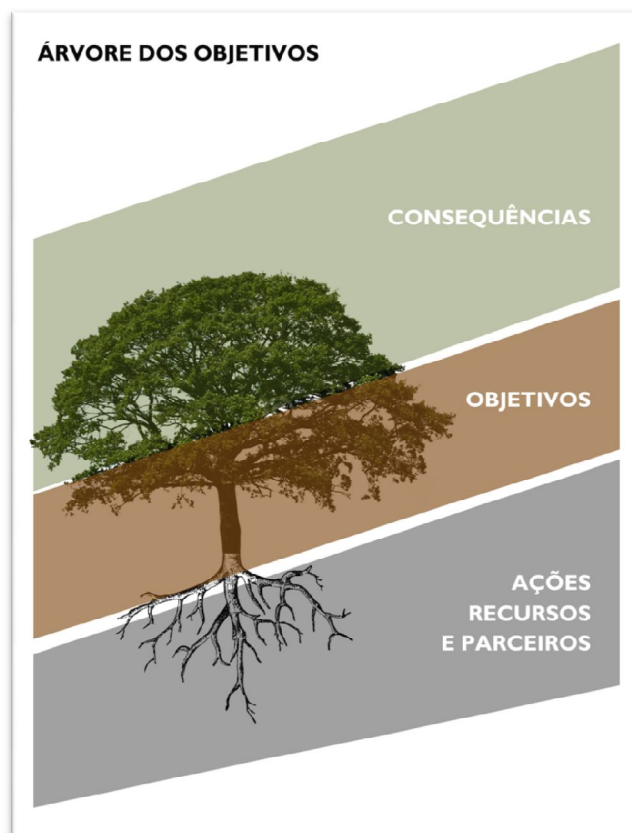


Figura 3: Diagrama esquemático da árvore das situações

VII. Preparando uma roda de conversa

Objetivos

- Discutir e definir, a partir das atividades anteriores, os questionamentos que orientarão a roda de conversa.
- Escolher um convidado que colabore com novos olhares para o diagnóstico em desenvolvimento pelos estudantes.
- Produzir um pequeno roteiro de acompanhamento para a roda de conversa.

Organização da atividade

- Os grupos se organizam discutindo sobre possíveis parceiros que podem complementar o Diagnóstico com uma nova perspectiva para os temas em estudo
- Os estudantes formulam um pequeno roteiro de perguntas para orientar o grupo durante a roda de conversa.
- Os convidados são escolhidos e o grupo se encarrega de disponibilizar o contato. Os convidados são pessoas da comunidade, podem ser pais, vizinhos, amigos, gestores, líderes comunitários, funcionários do colégio etc.

Sugestões

- Selecionar convidados que também estejam envolvidos com as questões levantadas pelos estudantes. É esperado que eles possam apresentar novas perspectivas para as discussões e conclusões elaboradas pelos discentes.
- Peça aos estudantes que registrem as respostas e as falas dos convidados. Esse material também deve ser integrado ao *mapa-diagnóstico* e aos outros recursos produzidos. É interessante que também esse registro seja organizado na *pasta* do grupo.
- Simular uma roda de conversa com os grupos anteriormente, contribui para que a dinâmica da atividade seguinte seja bem aproveitada.

VIII. Roda de conversa

Objetivos

- Participar de uma roda de conversa com comunitários convidados.
- Conversar com os convidados sobre os temas dos diagnósticos.
- Levantar questionamentos sobre as questões apresentadas nos diagnósticos.
- Organizar um espaço para a visualização dos diagnósticos realizados pelos grupos.

Organização da atividade

- As carteiras da sala são organizadas em roda e, inicialmente, os convidados são apresentados aos estudantes.
- Em seguida, são apresentados os mapas-diagnóstico dos grupos, bem como os outros materiais produzidos ao longo das atividades.
- Os grupos alternam-se nas perguntas para os convidados.
- A professora e o professor são mediadores do encontro, espera-se que eles estimulem a participação de todos presentes e que evitem polarizações nas conversas.

Algumas dicas pra a condução de rodas de conversa:

- Durante a roda de conversa algumas questões podem dividir opiniões e gerar preconceitos. Os educadores devem estar atentos a essas manifestações, impedindo que as falas excluam ou afastem os participantes. A roda de conversa também é um confronto de olhares, mas a ideia é que sejamos capazes de compreender a posição do Outro, mesmo que não concordemos com ela.

IX. Finalizando o Diagnóstico

Objetivos

- Apresentar as conclusões dos diagnósticos realizados.
- Discutir com os colegas e professores os resultados da proposta.
- Conversar sobre a possibilidade de utilizar o Diagnóstico como referência para ações futuras da escola e da comunidade.

Organização da atividade

- Os estudantes organizam os materiais produzidos e o mapa-diagnóstico de seu grupo. Eles apresentam as conclusões e as informações produzidas ao longo das atividades.
- Os grupos também discutem sobre as reformulações produzidas no mapa-diagnóstico, apresentando os elementos que contribuíram para o processo.
- Os estudantes conversam entre si e com os professores sobre a possibilidade e interesse de utilizarem o Diagnóstico Escolar como um documento-referência para ações futuras deles na comunidade e na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. SECRETARIA DA AGRICULTURA FAMILIAR. **Diagnóstico rural participativo**. Brasília (DF), 2006 v.1.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico** – 4. ed. – São Paulo : Cortez, 2008

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORALES, G. B. **(Re)conhecendo nosso ambiente, uma adaptação de diagnóstico participativo para a apreensão, reflexão e ação sobre a realidade**. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado profissionalizante em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

SANTOS, B. S. **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais / Boaventura de Sousa Santos (org.)**. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LITERATURA ACESSADA NA ELABORAÇÃO DO DEP

AVANZI, M. R; MALAGODI, M. A. S. **Encontros e caminhos: formação de**

educadoras(es) ambientais e coletivos educadores / Luiz Antonio Ferraro Júnior, organizador. – Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

BRANDÃO, C. R. **Encontros e caminhos**: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores / Luiz Antonio Ferraro Júnior, organizador. – Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam/ Paulo Freire – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder / Enrique Leff ; tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth – Petrópolis, RJ : Vozes, 2001

SORRENTINO, M., *et al.* **Educação ambiental e políticas públicas**: conceitos, fundamentos e vivências / Marcos Sorrentino (org.). – 1. Ed. Curitiba : Appris, 2013. – (coleção ambientalismo)